

A AQUISIÇÃO DE REFERENCIAÇÃO POR APRENDIZES DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Hanna Beer Furtado Rodrigues
Universitat de Barcelona
Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

No campo da aquisição da linguagem, muitos são os estudos sobre como ocorre a aquisição de uma segunda língua (L2). Um dos enfoques dessas investigações tem sido como os aprendizes constroem suas narrativas em sua L2, já que esse gênero textual requer o domínio de vários dispositivos linguísticos existentes nessa língua que estão aprendendo, os quais estão relacionados à sintaxe, à semântica, à morfologia, à pragmática etc. Além disso, são necessárias habilidades para combinar esses dispositivos.

Assim como nas línguas faladas, em línguas de sinais existem diferentes maneiras de se fazer referência aos diversos elementos presentes numa narrativa. Entretanto, as línguas de sinais, de modalidade gestual-visual, possuem alguns mecanismos específicos de construção referencial, os quais se vinculam à organização do espaço de sinalização, tais como a troca de papéis (*role shift*) e os classificadores, dentre outros. Estes mecanismos são explorados gestual e espacialmente e seu processo de aquisição exige o desenvolvimento de habilidades relacionadas à modalidade gestual-visual dessas línguas. Portanto, quando se trata da aquisição de uma língua de sinais como L2, os aprendizes que têm uma língua falada como sua primeira podem enfrentar dificuldades no processo de referenciação, devido à ausência desses elementos nas línguas faladas.

Considerando outros estudos sobre o controle de referências em línguas de sinais, tais como o realizado por Simoens (2017) sobre a Língua de Sinais Catalã (LSC), esta pesquisa teve como objetivo investigar como os aprendizes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) adquirem e utilizam expressões referenciais em uma língua de modalidade gestual-visual, comparando-os aos sinalizantes surdos da língua. Com isso, pretende-se contribuir com a ampliação de conhecimentos sobre a Libras e sobre como se dá o controle de referências por aprendizes dessa língua como L2.

Revisão de Literatura

Em narrativas, o conhecimento dos elementos envolvidos na história, tais como personagens, objetos, ações e eventos, é essencial para o falante. Neste sentido, diferentes tipos de expressões referenciais (e.g., substantivos, pronomes plenos, pronomes nulos, etc.) precisam ser utilizados para *introduzir* entidades na primeira vez em que aparecem, para *mantê-las* durante a narrativa e para *reintroduzi-las* quando necessário.

No que se refere ao controle de referências em narrativas, Teorias como a Hierarquia da Topicalidade (GIVÓN, 1983) e a Teoria da Acessibilidade (ARIEL, 2001) visam explicar o uso apropriado de diferentes expressões referenciais ao longo de um discurso. Uma visão geral dessas teorias mostra que os falantes comumente usam expressões de referência mais “fracas” (em inglês, *leaner*) ou marcadores de alta acessibilidade (e.g., pronomes nulos) sempre que o referente é mais saliente ou acessível ao interlocutor — o que acontece no caso da manutenção de referentes. No entanto, no caso de um referente menos saliente ao interlocutor, são preferidas expressões referenciais mais “fortes” (em inglês, *fuller*) ou marcadores de baixa acessibilidade (por exemplo, expressões nominais) — como no caso da introdução ou reintrodução de referentes.

Em línguas de sinais, as expressões nominais envolvem os substantivos, que podem ser sinalizados (e.g., CACHORRO, MENINO, SAPO) ou soletrados. A soletração, ou “*fingerspelling*” (e.g., S-A-P-O), é um tipo de empréstimo da língua falada que consiste em representar letra(s) do alfabeto, a fim de criar itens lexicais (Padden, 1998; para mais informações, consulte Quer et al., 2017 parte 3, seção 2.2 e referências nele).

Com relação aos pronomes nas línguas de sinais, argumenta-se que eles consistem na apontação para um local no espaço a fim de alocar referentes ou para se referir a uma entidade previamente estabelecida. Segundo Lillo-Martin e Quadros (2011), o *locus* da primeira pessoa é o tórax dos signatários, que é a posição real do referente. Quando se refere a uma não-primeira pessoa (ou terceira pessoa) ou ao interlocutor (ou 2ª pessoa), os pontos são direcionados para a sua posição real. No entanto, quando se trata de uma pessoa não presente e não primeira pessoa (ou terceira pessoa), os pontos são direcionados para o *locus* em que seu referente abstrato havia sido previamente estabelecido.

As anáforas nulas ou pronomes nulos são permitidos em línguas de sinais, tais como a Língua de Sinais Americana (ASL) e a Libras (LILLO-MARTIN, QUADROS, 2011), e envolvem dois tipos principais de verbos: com e sem concordância (QUADROS, 1999; QUADROS, QUER, 2006; QUER, 2011). Os verbos com concordância implicam movimento manual e/ou orientação e podem concordar com o sujeito e/ou com o objeto, dependendo do lugar para o qual são direcionados ou de onde vêm (PADDEN, 1988; QUER et al., 2017). Por outro lado, verbos sem concordância geralmente não mostram concordância manual e não podem ser modificados espacialmente.

Outra categoria de expressões referenciais das línguas de sinais são os classificadores, que consistem em “categorias morfológicas que denotam entidades (tanto animadas quanto inanimadas), descrevendo algum aspecto icônico saliente dessas entidades por articulação manual, em particular, pela forma da mão”. (QUER et al., 2017, p.250, tradução minha). De acordo com Supalla (1986), existem quatro tipos de classificadores: (i) classificadores semânticos (ou de entidade), que podem se referir a entidades animadas ou inanimadas e ocorrem em verbos que expressam o movimento do referente; (ii) classificadores de partes do corpo, que, apesar de também se referirem a entidades, representam apenas uma parte de um corpo humano ou animal; (iii) classificadores de instrumento, que envolvem verbos que expressam a manipulação ou realização de um referente; e (iv) classificadores de tamanho e forma (CTF), que representam o tamanho e a forma de uma entidade ou referente.

Outro mecanismo para o controle de referência em línguas de sinais é a troca de papéis, ou *role shift*, que consiste em relatar enunciados ou ações na perspectiva de outra pessoa ou referente (LILLO-MARTIN, 2012; QUER et al., 2017). O *role shift* pode ser distinguido em: (i) “de atitude” (também chamado de “diálogo construído”, em inglês *constructed dialogue*), que é usado para transmitir pensamentos ou declarações proferidas por outra pessoa ou pelo referente; e (ii) “de ação” (também chamado de “ação construída”, em inglês *constructed action*), que serve para expressar emoções, posturas, gestos e ações feitas pelo referente (PFAU, QUER, 2010; LILLO-MARTIN, 2012; QUER, 2013; QUER et al., 2017). Além dessa classificação semântico-pragmática, os *role-shifts* contam com os marcadores não-manuais (MNM), que podem compreender: (i) leve deslocamento do corpo para o lado; (ii) movimento da cabeça; (iii) mudança na direção do olhar; e (iv) expressões faciais. Estes MNM são propriedades morfossintáticas que marcam a adoção do ponto de vista de outra pessoa, uma vez que ocorrem

de forma sistemática e simultânea aos sinais manuais (QUER, 2011; QUER, 2013; QUER et al., 2017).

Considerando os tipos de expressões referenciais apresentadas e as teorias de acessibilidade mencionadas, Frederiksen e Mayberry (2015) encontraram um padrão referente à Língua de Sinais Americana (ASL). Em contextos de introdução e reintrodução de referentes numa narrativa (nas quais os referentes são menos acessíveis), expressões referenciais mais completas tais como expressões nominais foram preferidas; em contextos de manutenção de referentes (referentes menos acessíveis), as expressões de referência mais enxutas foram mais utilizadas.

De acordo com Simoens (2017), mais especificamente, as categorias anáfora nula, classificadores e marcadores não manuais do *role shift* poderiam ser usados para manter os referentes no discurso, já que seriam marcadores de alta acessibilidade. Expressões nominais e pronomes plenos seriam mais adequados às introduções e reintroduções, visto que são marcadores de baixa acessibilidade.

Pesquisas sobre aquisição de línguas faladas como L2 mostram que os aprendizes geralmente têm dificuldade em obter proficiência nativa em L2 e buscam identificar e explicar a origem de suas dificuldades. Frederiksen e Mayberry (2018) mencionam estudos iniciais sobre referenciação por aprendizes de línguas faladas como segundas línguas, que encontraram uma tendência em serem “sobreexplícitos” (ou redundantes como em Sorace et al., 2009), dado a um uso excessivo de formas explícitas de referência na L2 como, por exemplo, pronomes plenos.

Possíveis explicações para tais dificuldades advêm de estudos sobre transferência, os quais evidenciam que a primeira língua do aprendiz pode influenciar positiva ou negativamente o processo de aprendizagem e aquisição de uma segunda língua (CELAYA, 1992; PICHLER & KOULIDOBROVA, 2015). Embora existam poucos estudos que tratem da transferência entre línguas faladas e sinalizadas, Perniss e Özyürek (2015) afirmam que não há razão para acreditar que a transferência não possa ocorrer entre línguas de diferentes modalidades, já que características linguísticas são entidades abstratas (PICHLER, KOULIDOBROVA, 2015).

De acordo com Sorace e Serratrice (2009), tal “sobreexplicitação” pode advir da vulnerabilidade da interface sintaxe-discurso, que consiste na integração entre sintaxe e domínios externos à gramática. A Hipótese de Interface (IH) postula que a interface sintaxe-discurso exige um maior esforço de processamento dos aprendizes de uma L2, que recorrem a estratégias como

a “sobreexplicitação” para reduzir a carga cognitiva (BEL et al., 2014). Segundo Sorace (2011), a interface sintaxe-discurso é mais vulnerável em bilíngues e é difícil de ser adquirida por aprendizes de L2, mesmo em níveis avançados, independentemente da distância entre L1 e L2. Por outro lado, Frederiksen e Mayberry (2018) discutem que a aquisição de uma língua de sinais como L2 pode seguir o mesmo padrão da aquisição de qualquer língua falada, considerando-se que também são línguas naturais. No entanto, as autoras também apontam que pode haver diferenças devido aos efeitos que a modalidade de língua pode ter sobre o aprendiz.

Até o momento, encontramos poucos estudos que investigaram o controle de referência em aprendizes de línguas de sinais como L2. Quatro estudos recentes foram realizados sobre este tópico, na LSC (BEL et al., 2014; SIMOENS, 2017) e na ASL (FREDERIKSEN, MAYBERRY, 2015, 2018). De modo geral, os resultados destes estudos indicam que aprendizes de LSC e de ASL como segundas línguas seguem os padrões de expressões referenciais para introdução, manutenção e reintrodução de referentes previstos pelas teorias de acessibilidade do referente e que os aprendizes não são “sobreexplícitos” com o uso pronomes plenos, embora os resultados em Bel et al. (2014) indiquem o contrário.

Tais descobertas envolvem LSC e ASL, mas nenhum estudo envolvendo aprendizes Libras como L2 foi encontrado. Desta forma, realizou-se uma investigação sobre como aprendizes adultos de Libras usam expressões referenciais na produção de uma narrativa em língua de sinais.

O estudo

Neste estudo, que investigou a aquisição e o uso de expressões referenciais em narrativas em Libras feitas por aprendizes adultos, questionou-se:

- 1) Aprendizes de Libras como segunda língua produzem expressões de referência em contextos de introdução, manutenção e reintrodução de acordo com os princípios de acessibilidade dos referentes?
- 2) Aprendizes de Libras como segunda língua são “sobreexplícitos” no uso de pronomes plenos, conforme visto em estudos envolvendo a aquisição de expressões referenciais em outras línguas?

Metodologia

Participantes

A fim de responder as perguntas propostas, os participantes desta pesquisa (N = 10) foram divididos em dois grupos:

Grupo 1 ($n = 8$), formado por oito aprendizes de Libras, recrutados do curso de graduação em Letras Libras, licenciatura e bacharelado, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esses cursos possuem, respectivamente, quatro anos e quatro anos e meio de duração. E os participantes da pesquisa, sete do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 18 e 40 anos, eram diferentes fases dos cursos.

Grupo 2 ($n = 2$), grupo controle, foi formado por dois sinalizantes surdos: um do sexo masculino, com 28 anos, formado em Letras Libras e, atualmente, professor desses cursos de graduação. Além disso, é aluno de mestrado em Estudos da Tradução, PGET-UFSC; e outro do sexo feminino, com 26 anos, formada em Letras Libras e mestranda em Linguística pelo PPGLin-UFSC.

Procedimento

Os participantes da pesquisa foram selecionados por meio de um questionário composto por vinte questões, o qual teve o objetivo de possibilitar a seleção de participantes com o seguinte perfil: (i) ouvintes que antes de ingressarem no curso não conviviam com pessoas fluentes em Libras (familiares e/ou amigos); (ii) que iniciaram seu aprendizado da Libras no Letras Libras; e (iii) que possuem o curso como principal meio de contato com a Libras e de seu aprendizado. Dos quarenta e um respondentes, oito aprendizes de Libras como segunda língua foram selecionados para terem seus dados analisados. Como tarefa, os participantes realizaram a leitura do livro de imagens “*Frog, where are you?*” (MAYER, 1969) e narraram a história do livro diante de uma câmera em Libras. As narrativas foram devidamente registradas por dois assistentes de pesquisa, que realizaram a filmagem da atividade e a entrega dos termos de

consentimento aos participantes. A coleta de dados dos participantes surdos também foi realizada em sessões individuais e a tarefa consistiu em recontar a mesma história também em Libras.

Análise dos dados

Os dados coletados de ambos os grupos foram importados para o ELAN (EUDICO *Linguistic Annotator*) para serem transcritos e anotados. As narrativas em Libras de cada participante foram segmentadas em orações, após cada sinal produzido ser transcrito em glosas. Em seguida, os referentes de cada oração foram identificados e as orações foram codificadas de acordo com a função discursiva (GULLBERG, 2006) da seguinte forma: **introdução** (a primeira menção de um referente, independentemente de sua função sintática); **manutenção** (um referente aparecendo como sujeito da oração, após aparecer na oração anterior em qualquer posição sintática); e **reintrodução** (um referente aparecendo como sujeito da oração, logo após uma oração na qual ele não aparece em qualquer posição).

Em relação às introduções, todos os referentes apresentados nas narrativas foram contabilizados. No entanto, apenas um referente foi codificado e contabilizado como manutenção ou reintrodução em cada oração. Após isso, cada referente foi alocado em uma das seguintes categorias: expressões nominais (EN); pronomes plenos (PP); anáfora nula (AN); classificadores (CL); e marcadores não-manuais de *role shift* (MNM). Ademais, cada referente foi codificado de acordo com os tipos existentes dentro de cada categoria, conforme descrito na revisão de literatura.

Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo indicam que os sinalizantes surdos e os aprendizes de Libras usam, principalmente, expressões nominais para introduzir diferentes referentes (ver tabela 1). De fato, de todas as introduções feitas pelos sinalizantes surdos, 88% foram feitas com expressões nominais e apenas 12% com classificadores. Em comparação com o grupo de aprendizes de Libras, os resultados foram semelhantes no sentido de que 83% foram realizados por expressões nominais e 17% por classificadores, majoritariamente do tipo CTF. Em contraste com a LSC,

Simoens (2017) encontrou apenas 9% das introduções realizadas por classificadores (CTF) e em Frederiksen e Mayberry (2018), os resultados variaram de 7% a 13% para ASL.

Tabela 1

Proporção (número) das categorias de expressões referenciais usadas pelos grupos em introduções

	EN	PP	AN	CL	MNM	TOTAL
SS (n = 2)	0.88 (44)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.12 (6)	0.00 (0)	50
AL (n = 8)	0.83 (130)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.17 (28)	0.00 (0)	159
1º ano	0.76 (26)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.24 (8)	0.00 (0)	34
2º ano	0.87 (26)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.13 (4)	0.00 (0)	30
3º ano	0.81 (42)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.19 (10)	0.00 (0)	52
4º ano	0.86 (37)	0.00 (0)	0.00 (0)	0.14 (6)	0.00 (0)	43

SS: sinalizantes surdos; AL: aprendizes de Libras; EN: expressões nominais; PP: pronomes plenos; AN: anáfora nula; MNM: marcadores não manuais de *role shift*

Conforme mencionado anteriormente, o uso marcadores de alta acessibilidade é esperado em contextos de manutenção. De fato, os marcadores não manuais do *role shift* foram a categoria preferida pelos sinalizantes surdos, que os utilizaram em 49% das expressões referenciais, seguidos pelos classificadores (23%) e a anáfora nula (15%) (ver tabela 2). Por outro lado, os aprendizes de Libras utilizaram majoritariamente e em iguais quantidades a anáfora nula e os marcadores não manuais do *role shift* (29%), seguidos por classificadores (21%). Resultados semelhantes foram encontrados no estudo conduzido por Simoens (2017) em relação aos sinalizantes surdos de LSC. No entanto, em seu estudo, os aprendizes de LSC usaram marcadores não manuais de *role shift* com maior frequência (57%) independentemente de seu nível de conhecimento em língua de sinais, o que vai de encontro aos resultados obtidos em relação aos aprendizes de Libras.

Tabela 2

Proporção (número) das categorias de expressões referenciais usadas pelos grupos em manutenções

	EN	PP	AN	CL	MNM	TOTAL
SS (n = 2)	0.08 (9)	0.05 (5)	0.15 (17)	0.23 (25)	0.49 (53)	109
AL (n = 8)	0.19 (61)	0.02 (7)	0.29 (89)	0.21 (65)	0.29 (89)	311
1º ano	0.29 (15)	0.06 (3)	0.29 (15)	0.24 (12)	0.12 (6)	51
2º ano	0.27 (17)	0.01 (1)	0.27 (17)	0.14 (9)	0.31 (20)	64
3º ano	0.16 (21)	0.01 (1)	0.24 (32)	0.22 (29)	0.37 (49)	132
4º ano	0.13 (8)	0.03 (2)	0.39 (25)	0.23 (15)	0.22 (14)	64

Neste estudo, porém, os aprendizes de Libras usaram expressões nominais em 19% das manutenções, o que é percentual alto quando comparado aos 8% utilizados pelos sinalizantes surdos. Tal aumento se deve, em parte, aos alunos dos 1º e 2º anos que utilizaram expressões nominais com mais frequência (29% e 27%), talvez devido ao conhecimento mais limitado da língua, bem como de seus mecanismos específicos. Esse maior uso de expressões nominais em contextos de manutenção pode sugerir que os aprendizes nos primeiros anos do curso de graduação são de fato mais explícitos do que os dos últimos anos ou do que os sinalizantes surdos. Ademais, este resultado pode estar relacionado à ideia de Sorace (2009) de que uma alta carga cognitiva na interface sintaxe-discurso pode levar a uma supercompensação no controle de referência pelos aprendizes de L2.

Assim como em contextos de introdução de referentes, a reintrodução pressupõe o uso de marcadores de baixa acessibilidade, uma vez que os referentes podem ser menos salientes e/ou acessíveis ao interlocutor. Por conseguinte, as expressões nominais foram a categoria preferida pelos aprendizes de Libras e pelos sinalizantes surdos, que os utilizaram 68% e 52% das vezes, respectivamente (ver tabela 3). Corroborando com esses resultados, os achados de Simoens (2017) também indicam que os aprendizes de LSC utilizam mais marcadores de baixa acessibilidade em contextos de reintroduções do que os sinalizantes surdos (73% e 66%, respectivamente).

Tabela 3
Proporção (número) das categorias de expressões referenciais usadas pelos grupos em reintroduções

	EN	PP	NA	CL	MNM	TOTAL
SS (n = 2)	0.52 (33)	0.02 (1)	0.07 (4)	0.17 (11)	0.22 (14)	63
AL (n = 8)	0.68 (108)	0.04 (7)	0.11 (17)	0.09 (14)	0.08 (13)	159
1º ano	0.60 (18)	0.20 (6)	0.14 (4)	0.03 (1)	0.03 (1)	30
2º ano	0.84 (35)	0.00 (0)	0.07 (3)	0.02 (1)	0.03 (3)	42
3º ano	0.67 (36)	0.02 (1)	0.09 (5)	0.15 (8)	0.07 (4)	54
4º ano	0.58 (19)	0.00 (0)	0.15 (5)	0.12 (4)	0.15 (5)	33

Além disso, marcadores de alta acessibilidade, como marcadores não manuais de *role shift*, classificadores e anáfora nula, também foram usados para reintroduzir referentes e mais ainda pelos sinalizantes surdos. Estes lançaram mão da categoria marcadores não manuais de *role shift* (22%), seguido por classificadores (17%) e anáfora nula (7%). Os aprendizes de Libras usaram a anáfora nula com mais frequência (11%), seguido pelos classificadores (9%) e pelos

marcadores não manuais de *role shift* (8%). Como os classificadores e os marcadores não manuais de *role shift* são mecanismos mais específicos à modalidade das línguas de sinais, espera-se que os aprendizes de Libras tenham uma certa dificuldade em sua aquisição, o que pode explicar seu menor uso em comparação aos sinalizantes surdos. Além disso, como mencionado na revisão de literatura, pode não haver uma contraparte exata para os classificadores e *role shift* nas línguas faladas, o que poderia justificar tal dificuldade em sua aquisição, principalmente por aprendizes nos anos iniciais.

Com relação à “sobreexplicitação”, ao analisar os resultados obtidos neste estudo, percebe-se que os pronomes plenos não foram uma categoria prevalente de expressões referenciais nas narrativas dos aprendizes de Libras, nem naquelas dos sinalizantes surdos. De fato, pronomes plenos foram apenas 4% e 2% das expressões referentes usadas em contextos de manutenção e reintrodução, respectivamente. Esses resultados indicam que aprendizes de Libras não seriam excessivamente explícitos ao usar demais pronomes explícitos.

No entanto, os aprendizes parecem indicar algum grau de “sobreexplicitação” quando se trata de expressões nominais. Como mencionado anteriormente, em contextos de manutenção, os aprendizes de Libras usaram mais expressões nominais do que os sinalizantes surdos (19% e 8%, respectivamente). No entanto, tal “sobreexplicitação” com o uso de expressões nominais parece diminuir à medida que os aprendizes avançam em seu curso de graduação, como demonstrado na tabela 2. Em contextos de reintrodução, 68% das expressões referenciais usadas por aprendizes de Libras foram expressões nominais, sugerindo uma possível “sobreexplicitação”, quando comparado com os sinalizantes surdos (52%) (vide tabela 3). No entanto, embora os números aparentemente confirmem que os aprendizes de Libras são mais “sobreexplícitos” com o uso de expressões nominais e que esse padrão diminui à medida que avançam em seu curso de graduação, os resultados são estatisticamente limitados e, portanto, não podem confirmar se essas diferenças são de fato significantes.

Conclusão

Nesta pesquisa, vimos que os aprendizes de Libras como L2 valem-se de diferentes mecanismos de construção referencial em suas narrativas e que a questão da modalidade de língua exerce uma influência significativa na seleção e emprego desses mecanismos durante a

sinalização. Nessa direção, os resultados apontam que, em geral, os aprendizes de Libras como L2 produzem expressões de referência em contextos de introdução, manutenção e reintrodução de acordo com os princípios de acessibilidade dos referentes e de forma similar aos sinalizantes surdos, em concordância com resultados de estudos envolvendo LSC e ASL. Ademais, os resultados deste estudo não corroboram a ideia de que aprendizes de Libras são “sobreexplícitos” com o uso de pronomes plenos. No entanto, os resultados indicam que pode haver um uso excessivo de expressões nominais por parte dos aprendizes quando comparados aos sinalizantes surdos, o que pode ser uma estratégia de compensação pela falta de conhecimento da língua que estão aprendendo.

Considera-se importante que futuras pesquisas expandam esse tipo de estudo para os aprendizes de outras línguas de sinais como L2 e que desenvolvam estudos de caráter longitudinal com um maior número de participantes e controle de variáveis, a fim de proporcionar maior profundidade e amplitude de análise.

Referências

- ARIEL, M. Accessibility theory: An overview. In Sanders, T., Schilperoord, J. & Spooren, W. (Eds.), *Text representation: Linguistic and psycholinguistic aspects*. (pp. 29–87). Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- BEL, A., ORTELLS, M. & MORGAN, G. Reference control in the narratives of adult sign language learners. *International Journal of Bilingualism*, 19(5), 608–624. 2014. doi: [10.1177/1367006914527186](https://doi.org/10.1177/1367006914527186)
- CELAYA, M. L. *Transfer in English as a foreign language: A study on tenses*. Barcelona: PPU, 1992.
- FREDERIKSEN, A. T. & MAYBERRY, R. I. Tracking Reference in Space: How L2 Learners Use ASL Referring Expressions. *Proceedings of the 39th Annual Boston University Conference on Language Development*, 165–177, 2015.
- FREDERIKSEN, A. T. & MAYBERRY, R. I. Reference tracking in early stages of different modality L2 acquisition: Limited overexplicitness in novice ASL signers’ referring expressions. *Second Language Research*, 1–31, 2018. doi: [10.1177/0267658317750220](https://doi.org/10.1177/0267658317750220)
- GIVÓN, T. (Ed.). *Topic continuity in discourse: A quantitative cross-language study*. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- GULLBERG, M. Handling Discourse: Gestures, Reference Tracking, and Communication Strategies in Early L2. *Language Learning*, 56(1), 155–196, 2006.
- LILLO-MARTIN, D. Utterance reports and constructed action. *Sign Language – An International Handbook*, (1), 365–387, 2012.

- LILLO-MARTIN, D., & QUADROS, R. M. de. Acquisition of the syntax-discourse interface: The expression of point of view. *Lingua*, 121(4), 623–636, 2011. doi: [10.1016/j.lingua.2010.07.001](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2010.07.001)
- MAYER, M. *Frog, where are you?*, New York: Dial, 1969.
- PADDEN, C. *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York: Garland, 1988.
- PERNISS, P. & ÖZYÜREK, A. Visible cohesion: A comparison of reference tracking in sign, speech, and co-speech gesture. *Topics in Cognitive Science*, 7(1), 1–25, 2015. doi: [10.1111/tops.12122](https://doi.org/10.1111/tops.12122)
- PFAU, R., & QUER, J. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. *Sign Languages*, 381–402, 2010. doi: [10.1017/CBO9780511712203](https://doi.org/10.1017/CBO9780511712203)
- PICHLER, D. C. AND KOULIDOBROVA, H. Acquisition of Sign Language as a Second Language. *The Oxford Handbook of Deaf Studies in Language*, 218–220, 2015.
- QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre, 1999.
- QUADROS, R. M. & QUER, J. Back to back (wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. In Quadros RM (Ed.), *Theoretical Issues in Sign Language Research 9. Sign languages: Spinning and unraveling the past, present and future*, 530–551, Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- QUER, J. When agreeing to disagree is not enough: Further arguments for the linguistic status of sign language agreement. *Theoretical Linguistics*, 37, 3–4, 2011.
- QUER, J. Attitude ascriptions in sign languages and role shift. Texas Linguistics Forum: *Proceedings from the 13th Meeting of the Texas Linguistics Society*, 12–28, 2013.
- QUER, J., CECCHETTO, C., DONATI, C., et al. (Eds.). *SignGram Blueprint. A Guide to Sign Language Grammar Writing*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2017.
- SIMOENS, R. M. *Second Language Acquisition of Role Shift and Classifiers for Reference Control in Catalan Sign Language (LSC) narratives*. (Master thesis). Departament de Traducció i Ciències del Llenguatge. Universitat Pompeu Fabra, 2017.
- SORACE, A. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1–33, 2011.
- SORACE, A. & SERRATRICE, L. Internal and external interfaces in bilingual language development: Beyond structural overlap. *International Journal of Bilingualism*, 13(2), 195–210, 2009. doi: [10.1177/1367006909339810](https://doi.org/10.1177/1367006909339810)
- SORACE, A., SERRATRICE, L., FILIACI, F., & BALDO, M. Discourse conditions on subject pronoun realization: Testing the linguistic intuitions of older bilingual children. *Lingua*, 119, 460–477, 2009.
- SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. In Craig, C. (Ed.), *Noun Classification and Categorization* (pp. 181–213). Philadelphia: John Benjamins, 1986.